



Público

(1929-2019)

Sequeira

Costa

O piano que
soava como
uma orquestra

Cultura, 32 a 34



(1939-2019)

Arnaldo

Matos

O homem
que nunca
saiu do PREC

Política, 10/11

Metade dos miúdos encontra-se com estranhos que conhece na Net

Estudo *EU Kids Online* analisou hábitos de crianças e jovens portugueses, dos nove aos 17 anos, na Internet e nas redes sociais. Muitos encontros são com adolescentes das mesmas idades **Sociedade, 16/17**

Venezuela Tensão na fronteira com o Brasil e Colômbiana véspera de dia decisivo para Maduro e Guaidó **p2 a 4**



RICARDO MORAES/REUTERS

Doenças respiratórias são primeira causa de morte

INE revela dados sobre causas de morte em Portugal **p21**

Cohousing vai ensinar-nos a envelhecer juntos

A "habitação colaborativa sénior" é uma alternativa aos lares ou a viver só **p20**



Fugas O regresso do Grande Hotel Guadiana

Governo quer idoneidade de Tomás Correia avaliada

Líder do Montepio tem de pagar multa de 1,25 milhões de euros **p24**

ISSN-0872-9548

Vamos envelhecer juntos? Cohousing dá os primeiros passos em Portugal

A “habitação colaborativa sénior”, uma “espécie de república”, mas com regras e serviços de apoio partilhados, pode ser uma alternativa aos lares de idosos e à fatalidade de os mais velhos viverem sozinhos

Habitação

Alexandra Campos

Kerstin Kamnekull tem 75 anos mas parece ter menos dez. Há um quarto de século que a arquitecta sueca escolheu viver no primeiro projecto de *cohousing* do seu país, uma experiência de habitação “colaborativa” para a “segunda metade da vida”. Localizado em Estocolmo, o Kollktivhuset Färdräppen inclui 43 apartamentos que têm entre um a três quartos, uma pequena cozinha e um espaço comum com 350 metros quadrados onde todos se encontram. “Quando envelhecemos, não há nada mais importante do que estar com outras pessoas”, enfatiza Kerstin.

No Färdräppen, há turnos para preparar refeições, há turnos para fazer limpezas e há turnos para toda uma série de tarefas. E todos colaboram. É “uma escola de democracia”, diz. Nesta comunidade com 56 pessoas entre os 53 e os 93 anos, cerca de dois terços são mulheres. A já longa experiência tem corrido bem. Mesmo aquela ideia feita de que viver em comunidade acaba com a privacidade é um mito, assegura a arquitecta. “Tive um amante durante cinco anos e ninguém percebeu”, gracinha.

Kerstin esteve ontem na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto a descrever, perante uma plateia maioritariamente grisalha, como funciona o seu projecto de *cohousing*, como evoluiu a ideia – que surgiu na Dinamarca nos anos 70 do século passado –, e como esta opção de vida revelou ser a mais acertada no seu caso. “Dizem que se ganha 10 anos por viver num lugar como este”, afirma, jovial.

A arquitecta partilhou a sua experiência na conferência internacional “*Cohousing* em Portugal – Viver Sustentável”, que foi organizada pela associação Hac Ora Portugal Senior Cohousing, uma associação sem fins lucrativos fundada em 2018 e que é liderada pelo ex-presidente da Câmara Municipal do Porto Nuno Cardoso.

O ex-autarca está convencido de que a “habitação colaborativa sénior”, uma “espécie de república”, mas com regras e serviços de



INES FERNANDES

Na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto apresentaram-se vários modelos de Cohousing

Exemplos de habitação partilhada

Em Portugal são poucas as iniciativas conhecidas de *cohousing*, mas há uma em Agueda. Já com meia dúzia de anos, fundada por uma instituição partilhada de solidariedade social, “Os pioneiros”, que, em 2012, criou em uma “aldeia sénior” hoje com 18 idosos. Vivem num aglomerado de pequenas casas, com o apoio de profissionais.

Mas há vários projectos a germinar. A Santa Casa de Misericórdia do Porto (SCMP) tem dois: um que passa pela recuperação e reabilitação de “um antigo bairro destinado a mulheres viúvas” e outro, “um núcleo muito restrito”, a instalar num imóvel da instituição. “Poderá revelar-se uma boa aplicação para provar à população e servir para provar à população

que é possível”, explicou o provedor da SCMP, António Tavares. Em Lisboa, segundo Paula Marques, vereador da autarquia, há um projecto com este espírito que já tem dois anos: um equipamento “intergeracional” instalado no Bairro Padre Cruz, que inclui “creches e espaços de acompanhamento de jovens” no rés-do-chão e residências assistidas nos andares de cima, apenas para idosos com autonomia. O projecto foi promovido pela câmara e é gerido pela santa casa da capital. No encontro de ontem, Guilherme Viaverde, da federação de cooperativas Fenache, adiantou que já estão com algumas cooperativas, a idealizar vários projectos, mas é preciso “legislação e financiamento”.

apoio partilhados, é a alternativa aos lares de idosos e à fatalidade de os mais velhos ficarem a viver sozinhos quando não têm retaguarda familiar e não lhes resta outra hipótese. “Já há lares de idosos que são fantásticos do ponto de vista físico. O problema é que a institucionalização faz-se muito tarde e as pessoas chegam muito dependentes. O ambiente acaba, assim, por ser sempre um bocado deprimente. E não há soluções para os seniores mais activos”, lamenta.

Mas se alguém pensa que este é o renascer de comunidades *hippies* está enganado. “Esse movimento está ultrapassado”, sentença Cardoso. No *cohousing* cada família tem garantido o seu espaço pessoal, mas não existe apenas um modelo. Esta é “uma ideia de liberdade”, cada grupo “vai definir as suas regras”, apesar também haver projectos de *cohousing* institucional, até para os mais jovens, acidentada. Tendo em conta o acelerado envelhecimento em Portugal, os idosos são, porém, a prioridade. Outros países europeus já entraram há muito tempo na corrida e Espanha está neste momento “a ferverilhar de

projectos”, acentua.

Mas se o *cohousing* vem “ampliar o leque de oferta habitacional” e contribuir para a “regeneração urbana e para a sustentabilidade ambiental”, ainda carece de enquadramento legal em Portugal, afirma o ex-autarca que foi recebido já pela comissão parlamentar para a lei de bases da habitação, onde quer que este modelo venha a ser contemplado. Ainda junto em Portugal, a habitação partilhada já tem longos anos em vários países. São muitas as iniciativas de *cohousing*, como demonstrou Sara Brysh, arquitecta e doutoranda da TU Delft/Colab – Research (projecto holandês), que explicou que este modelo é “bastante flexível”. Pode resultar em cooperativas de residentes, em grupos de construção (caso da Alemanha), em soluções de cessão de uso (caso de Espanha).

Também a propriedade dos espaços pode ser privada, colectiva, cooperativa ou então poderá optar-se pelo arrendamento cooperativo (modelo que predomina na Suécia). A ideia é ter casas ou apartamentos com espaços privados para quartos e casa de banho e um espaço comum, com sala, cozinha, lavandaria e, eventualmente, quartos para convidados. A arquitecta deixou claro que o *cohousing* “não é uma comunidade, não é um condomínio fechado, não é uma cooperativa de construção nem é *co-housing*, porque o modelo mais comercial não inclui a participação dos residentes”. E, frisou, é essencial assegurar a criação de parcerias, financiamento e envolver autarquias.

Em Portugal há um obstáculo: somos um país de proprietários (75% das famílias compraram as casas onde vivem). É uma questão cultural, mas que pode ser ultrapassada. “Ainda temos energia e este é o modo de vida que nos interessa”, atesta a economista Luisa Bernardo, que seguiu com interesse a conferência. “Nos somos potenciais vendedores das nossas casas”, diz, lembrando a frase de uma mulher que optou por residir neste modelo: “Disse ao meu filho: eu é que vou sair de casa.”

acampos@publico.pt